



Venda do negócio da saúde da CGD arranca no próximo mês

O grupo espera ter tudo concluído até Julho. Para além de portugueses, há espanhóis e americanos interessados.

Maria Ana Barroso

maria.barroso@economico.pt

O grupo Caixa Geral de Depósitos vai avançar com a venda do negócio da saúde já em Abril, soube o Diário Económico. O processo passará pelo envio de cartas-convite aos interessados. O objectivo é que a venda possa ficar concluída no final do primeiro semestre ou início do segundo.

Na calha para uma eventual compra estão interessados de várias nacionalidades. Para além de portugueses, há interesse de investidores espanhóis e norte-americanos. Do Brasil vieram também manifestações de interesse que terão acabado por não evoluir. Em Portugal, o interesse, pelo menos potencial, da Espírito Santo Saúde é conhecido, não se sabendo se passará ou não a efectivo. Por outro lado, o grupo Galilei (antiga Sociedade Lusa de Negócios) está também interessado no dossier. Lá fora, algumas manifestações de interesse têm chegado por vezes via fundos ou escritórios de advogados. Só quando for preciso avançar com as propostas se saberá mais do que, por ora, as nacionalidades.

A semelhança de muitas operações de venda, e em resposta às cartas-convite, a fase seguinte deverá passar pela apresentação de ofertas 'non-binding' (não vinculativas). Depois, os candidatos que ficarem na 'short-list' final apresentam então propostas vinculativas.

O Diário Económico contactou o responsável pelos seguros e saúde do grupo CGD e presidente da HPP (Hospitais Privados de Portugal) que não quis adiantar detalhes. "As manifestações de interesse que têm chegado nesta fase fazem antever que este processo vai ser bastante competitivo", referiu Jorge Magalhães Correia.

O grupo Caixa detém, na área

VALOR

200 milhões

de euros é o valor máximo por que foi avaliado o negócio de saúde. Estes activos terão sido avaliados em entre 100 e 200 milhões. O Hospital dos Lusíadas, o da Boavista e o de Cascais são algumas das unidades à venda.

PREJUÍZO

-15 milhões

de euros foi o prejuízo registado pela HPP Saúde em 2011, acima dos 24 milhões de prejuízo do ano anterior. Depois de um EBITDA negativo de 14 milhões em 2010, em 2011 estava já num valor próximo de zero.

da saúde, os HPP (que inclui unidades como o Hospital dos Lusíadas e o Hospital da Boavista) e o Hospital de Cascais, parceria público-privada (PPP). Estes activos estão avaliados em 100 a 200 milhões de euros.

No ano passado, o negócio da saúde da CGD registou um prejuízo de 15 milhões de euros, uma melhoria face aos 24 milhões negativos de 2010. De entre os vários activos, o problemático Hospital de Cascais deverá terminar o primeiro trimestre já com um EBITDA positivo. Esta unidade, por ser uma PPP, é o activo em que poderá ser mais sensível a venda a um investidor estrangeiro, pelo facto de ser o Estado o parceiro. Não está posta de parte a hipótese de o Hospital de Cascais e, num outro grupo, os restantes activos, detidos inteiramente pela CGD, terem compradores separados. A vontade do grupo Caixa será o de vender todos os activos em conjunto, ainda que não esteja excluída a hipótese de se aceitarem propostas para activos concretos.

À partida, sabe ainda o Diário Económico, está previsto que os imóveis que constituem as várias unidades de saúde dos HPP, não sejam alienados. Estes activos, detidos através de fundos, poderão, no entanto, ser também vendidos, caso o comprador assim queira.

Venda dos seguros só na segunda metade do ano

A venda do negócio da saúde, à semelhança dos seguros, já estava a ser estudada pelo grupo mas foi uma imposição, a concretizar este ano, pela troika. O objectivo é que a Caixa se concentre no seu negócio 'core', desfazendo-se também da sua carteira de participações financeiras.

A venda da Caixa Seguros só vai avançar no segundo semestre, podendo ficar totalmente concluída só em 2012. ■

Banco ainda sem

Administração prefere escolha interna para o lugar.

A 29 de Fevereiro, Jorge Tomé teve o seu último dia como administrador da Caixa Geral de Depósitos (CGD). Em breve, o responsável irá assumir a liderança executiva do Banif, faltando apenas a ratificação da assembleia geral marcada para dia 22 deste mês.

O nome do substituto de Jorge Tomé não estará ainda escolhido, apesar da sua saída ser já há algum tempo conhecida. Para além da dificuldade em encontrar substituto para um gestor com a experiência e preparação técnica de Jorge Tomé, Faria de Oliveira e José

de Matos quererão encontrar alguém que tenha o 'know-how' suficiente para assumir as pastas que o administrador detinha.

Por outro lado, soube o Diário Económico, o 'chairman' e o CEO da CGD preferem uma escolha interna. A palavra final caberá, no entanto, ao accionista único, o Estado. A hipótese de vir alguém de fora não está, por isso, posta de parte. Mesmo que se entenda cooptar alguém entretanto, a ratificação oficial do novo nome, pelo accionista único, o Estado, deverá ter de ser feita em Assembleia Geral.

Em termos internos, nomes como o de Paulo Sousa, direc-



substituto para Jorge Tomé

tor de financiamento imobiliário da CGD ou José Pedro Cabral dos Santos, administrador não executivo da Caixa BI estão entre as possíveis escolhas. Também José Soares de Oliveira, director na Caixa, é apontado como um eventual substituto de Tomé.

A saída deste gestor da administração – que detinha pastas tão relevantes como a banca de investimento, as grandes empresas, o capital de risco ou os seguros e a saúde – acontece apenas um ano depois da introdução de um novo modelo de governo no grupo CGD, o ‘monista anglo-saxónico’. Este desenho de gestão inclui um conselho de administração, uma

Paulo Sousa, José Pedro Cabral dos Santos e José Soares de Oliveira são nomes falados para substituir Jorge Tomé, no caso de avançar uma escolha interna.

comissão de auditoria integrada no ‘board’ e um revisor oficial de contas.

Fernando Faria de Oliveira passou a presidente do conselho de administração, tendo José de Matos vindo ocupar o cargo de CEO. Na comissão executiva estão Norberto Rosa e Nogueira Leite, como vice-presidentes, Rodolfo Lavrador, Nuno Fernandes Thomaz e João Nuno Palma (CFO) e Jorge Tomé, que abandonou a equipa. O mandato desta gestão, iniciado em 2011, vai até final de 2013.

Pedro Rebelo de Sousa, Eduardo Hintze da Paz Ferreira e Álvaro do Nascimento estão também na administração, mas como não executivos. ■ **M.A.B.**



Banca Venda do negócio da Saúde da CGD, liderada por José de Matos, avança em Abril. ➔ **P28**